



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 9, número 2, maio-ago. 2020

## DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE NACIONAL NO ROMANCE *NO-NO-BOY*, DE JOHN OKADA



## NATIONAL IDENTITY DEVELOPMENT IN JOHN OKADA'S NOVEL, *NO-NO BOY*

Deborah do Carmo FILIPPETTO  
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA  
RECEBIDO EM 24/11/2019 • APROVADO EM 14/05/2020

---

### Resumo

---

Este artigo busca investigar as diferentes formas de desenvolvimento da identidade nacional no romance *No-No Boy*, escrito por John Okada. Para estudo serão utilizados personagens-chave do núcleo familiar do protagonista, que possui representantes Issei e Nissei de nipo-americanos. A fim de evidenciar as diferenças na negociação de identidade dos personagens, são utilizados os conceitos de integração de Chantal Lacroix (2010). A análise dos personagens leva em consideração os aspectos de percepção do sujeito sobre si, identificação do sujeito com a cultura e o espaço de pertencimento social. Estes aspectos têm como objetivo abrir espaço para entender a relação entre a integração e o desenvolvimento de uma identidade nacional em um grupo minoritário.

---

### Abstract

---

This paper aims to analyse the distinct types of national identity development in John Okada's novel, *No-No Boy*. The focus uses key-characters from the protagonist's family, which has Issei and Nisei as representants of Japanese Americans. In order to highlight the differences in the way the characters exchange their identities, it uses the concepts of integration from Chantal Lacroix (2010). The character's analysis considers aspects such as self-perception, cultural identification, and belongingness in social context. These aspects should open space to understand the relationship between integration and national identity development of a minority group.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade nacional. Literatura de imigração. John Okada. *No-No Boy*. Integração.

**KEYWORDS:** National Identity. Migrant literatura. John Okada. *No-No Boy*. Integration.

---

## Texto integral

---

Contextualizada na costa oeste dos Estados Unidos durante o período pós-segunda guerra, *No-No Boy*, de John Okada, aborda as tensões sofridas pela comunidade japonesa que vivia neste país após o ataque do Japão à Pearl Harbor. A obra inicia com a apresentação de Ichiro, protagonista da narrativa, que está sendo libertado da prisão, em 1946, após dois anos desde sua ida para os campos de concentração e mais dois de encarceramento, por responder ao "juramento de lealdade" de forma negativa.

O juramento de lealdade foi um questionário destinado jovens Nissei (descendentes da primeira geração de imigrantes japoneses que nasceram nos Estados Unidos) em idade de alistamento para participação no exército americano. Ele era composto de perguntas ambíguas e deveria ser respondido apenas com "sim" ou "não". Responder com "no-no" às perguntas 27 e 28 do questionário<sup>1</sup> era considerado um ato de desobediência civil, resultando na prisão destes sujeitos (Endo, 2018). A pergunta 27 era distinta para homens e mulheres, quando dirigida ao público masculino, não especificava onde seriam enviados para combate e deixava subentendido poderiam ser enviados para lutar contra a própria família em território japonês, enquanto para as mulheres esta ambiguidade era apagada. Já a pergunta 28, apesar de ser igual para ambos os gêneros, se respondida com "sim", também significava concordar com a acusação de ser leal ao imperador japonês anteriormente. Assim, apesar da comunidade ter sido aconselhada a responder de forma positiva, muitos jovens optaram por um ato consciente de desobediência civil. Este questionário só foi aplicado após a separação de todos japoneses e seus descendentes em campos de concentração.

Nascido em Seattle, Estados Unidos, em 1923, o autor John Okada faz parte da comunidade Nissei de americanos de descendência japonesa e, por sua idade, respondeu ao juramento de lealdade para participar do exército americano. Contudo, mesmo que a obra não se trate de uma autobiografia, visto que o próprio

autor serviu ao exército, ainda apresenta alguns elementos de experiência pessoal. Destaca-se, portanto, que questionamentos sobre o pertencimento de um indivíduo e questões sobre a nacionalidade são abordados de forma central pela comunidade Nikkei (imigrantes japoneses e seus descendentes) no país, como uma evidência dos impactos causados após a exclusão deste grupo em campos de internamento e prisão. Nesse sentido, a obra revela os conflitos sociais relativos a este grupo minoritário, os quais foram intensificados pelo processo de segregação e distinção destes indivíduos.

Dentre algumas das heranças críticas sobre a obra de Okada se encontram as produções de Dorothy Ritsuko McDonald (1979), Stan Yogi (1996), Karen Oshima (2012) e Rachel Endo (2018). McDonald (1979) analisa como emergem os sentimentos de pertencimento e de reconhecimento entre o “eu” e o “outro” através da progressão de Ichiro na narrativa, assim como a situação em que a família Yamada se encontra. Yogi (1996) traz evidências da fragmentação interna da comunidade Nikkei, comentando sobre os paradoxos que surgem com a assimilação cultural como processo de desenvolvimento de identidade. Oshima (2012) associa os conceitos de formação de identidade com a vínculo entre Ichiro e sua mãe, Sra. Yamada. E, por fim, Endo (2018) atualiza as questões raciais e étnicas abordadas por Okada na contemporaneidade, com foco no trauma pela segregação racial, que são ilustradas no romance.

Como suporte teórico para este estudo, serão utilizados os conceitos de integração apresentados por Chantal Lacroix (2010), que serão associados neste trabalho ao processo de formação de identidade. Lacroix divide a integração de indivíduos em nível estrutural e afetivo, que se expandem em três esferas: econômica, social e cultural. Cada uma destas esferas possui indicadores de integração que são negociados pelos personagens em seu cotidiano na obra. Logo, a investigação faz uso deste modelo, considerando também as condições de deslocamento social e emocional.

Assim, o objetivo desta análise é evidenciar características específicas narrativa de nacionalidade e seu processo de formação através desta obra, observando os impactos que estão associados a ela. A investigação será efetuada por meio de personagens-chave da família do protagonista do romance *No-No Boy*, de John Okada (1976). Os personagens serão analisados sob três perspectivas principais: a visão do personagem sobre si, o processo de aproximação deste com a cultura hegemônica ou minoritária e como o espaço social de pertencimento é negociado. O questionamento norteador para esta análise é: *qual a relação entre o processo de desenvolvimento de uma identidade nacional e a integração de indivíduos de um grupo minoritário na sociedade?*

O romance ilustra o processo de formação de identidade como não-homogêneo e, destacando aspectos únicos de cada personagem, é possível perceber estas nuances. McDonald (1979) comenta que o núcleo familiar do protagonista é apresentado em um momento dramático de desintegração por causa da guerra. Os três personagens escolhidos se encontram em uma situação de minoria em relação à cultura hegemônica, porém apresentam posicionamentos diferenciados sobre sua condição, o que produz formas distintas de integração.

O primeiro eixo de discussão desta análise, referente ao personagem Ichiro, foca na análise do indivíduo que vê seu pertencimento em risco, questionando a relação entre etnia, nacionalidade e espaço social designado à sua comunidade em relação ao grupo hegemônico. O segundo tópico, que aborda a situação de Sra. Yamada, busca elucidar impasses ocasionados pela intransigência de sua narrativa de nacionalidade no país de assentamento e os conflitos entre gerações Issei (primeira geração de imigrantes) e Nissei (descendentes nascidos nos Estados Unidos). E por fim, o terceiro tópico, sobre Taro, é direcionado aos processos de integração e apagamento cultural que buscam para se adequar à sociedade.

### **ICHIRO: A BUSCA POR UMA IDENTIDADE E A INTEGRAÇÃO ATRAVÉS DESTE PROCESSO**

No início da narrativa, Ichiro dá seus primeiros passos ao sair da prisão. O personagem é um dos representantes Nissei de sua família e está associado ao subgrupo da comunidade minoritária, os chamados *no-no boys*, pois respondeu o questionário de lealdade de forma negativa, motivo de ir para a prisão. Assim, Ichiro diferencia-se de seu irmão, que lhe julga como um “inimigo da nação americana”. Além disso, Ichiro também não se assemelha à sua mãe, pois não considera que o Japão seja sua pátria, já que sempre nasceu e viveu nos Estados Unidos.

Endo (2018) aponta para os primeiros instantes da narrativa, onde o trauma ocasionado pela segregação da comunidade minoritária já pode ser percebido. Como é o caso de Ichiro se sentir “um intruso em um mundo em que ele não possui direitos” (OKADA, 1976, p. 1, tradução nossa)<sup>2</sup>. Em consonância com a sensação do personagem, Bauman (2014) argumenta que “o pensamento de ‘possuir uma identidade’ não irá ocorrer às pessoas enquanto ‘pertencimento’ permanece seu destino, uma condição sem alternativa” (p. 11-12, tradução nossa)<sup>3</sup>. Assim, o processo de formação de identidade do personagem passa a ser racionalizado pela necessidade de confrontar sua alteridade, que se dá em dois níveis: o primeiro por não fazer parte da comunidade majoritária e o segundo pelo estigma de *no-no boy*, que o afasta também de outros nipo-americanos por sofrerem ostracismo.

Yogi comenta sobre a incapacidade dos personagens em conceber uma identidade dupla de americano-japonês, uma vez que confundem nacionalidade com etnia:

A situação tem sua gênese na confusão entre raça e nacionalidade exacerbada pela guerra. Enquanto ‘Americano’ é um indicador de nacionalidade, não de etnicidade, o termo tomou um tom extremamente racial durante a guerra. (...) No mundo da novela, “Americano” é igual a “Branco”. (1996, p. 64, tradução nossa).<sup>4</sup>

O conflito de Ichiro é intensificado por sua condição, que o faz ser considerado “menos americano”, por ser um *no-no boy*, que outros nipo-americanos. As consequências desta segregação dupla delimitam os espaços sociais que podem ou não ser ocupados por ele. Nisso, quando o protagonista volta para seu bairro e deseja frequentar espaços públicos passa a sofrer ostracismo, restando-lhe apenas locais que não são considerados americanizados por sua comunidade minoritária.

Os espaços são determinados como “americanizados” ou “japoneses”, conforme a reprodução das práticas que estão associadas a eles. Sobre esta malha simbólica que é construída, Tim Edensor (2002, p. 6) reflete que “os indivíduos necessitam constantemente reproduzir símbolos [culturais] estabelecidos [por uma comunidade]” para manter o significado de sua identificação. A reprodução destes símbolos se dá através do convívio social, que é restrito pelo marcador de visibilidade pública, relativo à esfera social. A visibilidade pública é delineada pela forma como uma comunidade ou um indivíduo são percebidos de forma externa, normalmente com maior influência da percepção hegemônica. A marginalização de um espaço ou costumes também se relaciona com a representação da imagem pública no macrocosmo social. Assim, a possibilidade de afirmação de uma narrativa identitária coerente com a identificação de Ichiro, de uma nacionalidade americana, é negada por parte de sua comunidade minoritária, pois não pode estar presente em locais em que símbolos culturais americanizados são reproduzidos em seu bairro, já que está sujeito a agressões físicas e verbais.

Como consequência, emergem os sentimentos de incompletude e de deslocamento emocional. Este deslocamento emocional induz o protagonista a internalizar a condição de desfavorecido, passando a acreditar que nunca estará apto a se tornar um “cidadão americano completo”, como evidenciado pelo momento em que o personagem caminha pelo câmpus da faculdade que costumava frequentar:

(...) ruas curvadas que logo se ramificavam em incontáveis passarelas estreitas e conduziam a incontáveis construções de estrutura Gótica que tinham contraforte voador e arcos pontiagudos e pilares mas que falhavam como Gótico autêntico porque todo mundo as chamava de Gótico bastardo com risadas familiares como se as construções fossem crianças imperfeitas delas mesmas (OKADA, 1976, p. 54, tradução nossa).<sup>5</sup>

A visão que Ichiro possui sobre sua condição é projetada nos prédios considerados imperfeitos. Esta associação, de estruturas arquitetônicas com a condição “bastarda” que elas representam em seu contexto, remonta a internalização da discriminação que é sofrida. O protagonista tem consciência de que sua nacionalidade não é “japonesa” como a de seus pais, e que sua identificação em dimensão afetiva com o país é com a cultura americana, apesar de não se sentir um “americano completo”.

Esta percepção demonstra que, para Ichiro, sua cidadania não é um instrumento completo para ser tratado de forma igualitária, pois suas características étnicas são distintas das consideradas aceitáveis, relativas à comunidade hegemônica – que é considerada a “autêntica”. Ao mesmo tempo, o fragmento também expõe o entendimento do personagem sobre a necessidade da aceitação social como caminho de concretização para seu projeto de identidade. Assim, a aprovação social faz parte de um processo de validação do sujeito.

Enquanto isso, a movimentação de Ichiro ao procurar emprego expõe a fragilidade de sua condição segregada em outra dimensão, a estrutural. Para estar inserido no país, é necessário alcançar autonomia financeira, a qual é realizada através da penetração no mercado de trabalho – um dos indicadores de integração de nível econômico. Atingindo esta meta, o sujeito também se torna capaz de alterar outro indicador econômico como, por exemplo, o relativo à sua moradia.

Na narrativa, Ichiro mora com os pais, em um bairro que é destinado para a comunidade Nikkei. Na agência de emprego, o personagem é defrontado com um formulário de aplicação, que deve ser preenchido como parte do processo de seleção:

Ele se sentou oposto à mulher e estudou as questões no formulário. Com algum alívio, ele percebeu que não havia nada na frente que ele não pudesse responder adequadamente. Quando ele o virou, ele viu as questões que ele não poderia responder. Como ele deveria relatar os últimos dois anos dos cinco que eles queriam informações tais como nome do empregador e experiência de trabalho? O que ele iria colocar como alternativa por serviço militar? Não existiu mentira grande suficiente para cobrir a enormidade de seu erro. (OKADA, 1976, p. 146, tradução nossa).<sup>6</sup>

O formulário de aplicação expõe a insensibilidade do país em que Ichiro vive durante o período pós-guerra, que nega uma possibilidade de integração de sua comunidade minoritária. Os trabalhadores idealizados pela agência pertencem ao grupo hegemônico, e a busca do personagem se torna particularmente delicada por ter sido tratado como um traidor de sua nação, já que não há a possibilidade de apagar o tempo que Ichiro esteve aprisionado. Assim, sua participação no mercado de trabalho tem seu acesso dificultado.

Assim, para o protagonista alcançar indicadores de integração em nível estrutural, é necessário que sua participação econômica seja mediada. A exemplo disto, uma oportunidade de trabalho surge quando seu empregador, Mr. Carrick, reconhece abertamente o erro que seu país cometeu ao segregar esta parcela da sociedade, buscando uma forma de reconciliação com estes indivíduos e também de auxiliá-los a ter oportunidades de emprego iguais. Endo (2018) comenta sobre a importância deste personagem, como um representante da comunidade branca que se responsabiliza por efetuar o que seria correto, dentro de uma perspectiva anti-racismo. Esta visão entra em consonância com McDonald (1996), que comenta

sobre a dependência de Ichiro por suporte externo, para que consiga superar os conflitos que o envolvem.

A formação identitária também possui seu cerne de construção através do núcleo familiar, que passa para uma face afetiva da integração de um indivíduo na sociedade. Conforme Lars Dencik *apud* Bauman (2004), o núcleo familiar seria uma das afiliações sociais que tradicionalmente atribui ao indivíduo uma definição de identidade. Contudo, Ichiro não possui identificação com os integrantes de sua família, uma vez que este microcosmo social é permeado por conflitos. Endo (2018) comenta que o intensificador para a dissolução deste núcleo, e de outros conflitos de grupo minoritário que estão presentes na narrativa, está associado ao período traumático da guerra sobre esta comunidade.

A falta de diálogo entre os indivíduos da primeira geração com a cultura do país de assentamento amplia a distância entre Ichiro e sua mãe. Na passagem “Você que deu vida a mim e a Taro e tentou nos fazer conforme um molde que nunca existiu” (OKADA, 1976, p. 186, tradução nossa)<sup>7</sup>, Ichiro expõe a tentativa de imposição de um perfil nacional da mãe sobre os filhos, e mostra como esta atitude é incapaz de suprir a necessidade de pertencimento que o personagem enfrenta. Neste caso, o molde que a mãe busca perpetuar é a nacionalidade “Japonesa” e Ichiro nos mostra que esta identificação não pode ser adquirida através de uma estipulação externa.

O caminho efetuado por Ichiro entre indicadores que permeiam dimensões afetivas e estruturais destaca a fragilidade de sua participação a nível social. Assim, surgem inquietações que levam o protagonista questionar o que entende por ser sua narrativa de identidade. Ademais, o conflito interno em sua família reforça sua dificuldade em sentir que é parte de um grupo, uma vez que não possui identificação com este núcleo. O esforço do protagonista em ser reconhecido como cidadão americano está diretamente relacionado com seu desejo de pertencimento, que lhe é negado tanto no macrocosmo social quanto em seu microcosmo – a família.

Nesse contexto, após a progressão de Ichiro na narrativa, o personagem “reconhece sua descendência japonesa como parte de seu próprio passado, como parte de sua identidade como americano” (YOGI, 1996, p. 72, tradução nossa)<sup>8</sup>. Em outras palavras, através de sua trajetória que constrói uma narrativa de identidade, por conta do desconforto e do deslocamento. Assim, a possibilidade de compreender-se enquanto nipo-americano, que abrange as diferenças étnico-culturais presentes em ambos grupos – minoritário e heterogêneo, altera também o pensamento que antes era binário, aceitando que uma das identificações não anula a outra.

## **SRA. YAMADA: A CONSOLIDAÇÃO DA IDENTIDADE E O AFASTAMENTO SOCIAL**

Sra. Yamada é a representante Issei escolhida para a análise dos conflitos entre o núcleo familiar do protagonista. Seu principal papel na família está

associado ao gerenciamento de costumes e práticas da comunidade japonesa, em conjunto com a visão de que, para que as práticas culturais e sua nação de origem continuem a ser cultuadas pelos filhos, ela deve assumir um papel de persistência. Durante a narrativa, evidenciamos comportamentos que sinalizam esta persistência com um potencial de intolerância, assim como a solidificação da identidade desta personagem, que a impedem de se integrar à sociedade do país de assentamento.

As metáforas utilizadas para designar a personagem associam esta rigidez e resistência a uma rocha, produzindo um efeito de inflexibilidade com relação a construção da identidade adotada por ela, já que é descrita como “a mulher que era apenas uma rocha de ódio e teimosia fanática e era, portanto, nem mulher nem mãe.” (OKADA, 1976, p. 21, tradução nossa)<sup>9</sup>. As características de uma identidade limitada que se manifestam na personagem harmonizam com a reflexão de Sheila da Silva Monte sobre a formação da identidade nacional do sujeito:

Há algum tempo, havia uma preocupação em relacionar a questão da identidade à nacionalidade do indivíduo. Era importante impor um laço de pertencimento ao território onde o sujeito se encontrava. Para este não havia necessidade, pois sabia que pertencia àquele lugar, ali estavam suas origens e suas relações sociais [...] (MONTE, 2012, p. 162).

Dessa maneira, a identificação da Senhora Yamada com sua nação de origem, o Japão, associada com sua identidade inflexível, faz com que ela não seja capaz de se integrar na sociedade do país de assentamento. Através da manifestação da identidade nacional como uma substância fixa, são gerados conflitos de dimensões afetivas e estruturais de integração deste agente social.

Isto posto, o papel social da personagem também é problematizado dentro do núcleo familiar, uma vez que “ela não se encaixa no estereótipo feminino de uma mãe calorosa” (OSHIMA, 2012, p. 30, tradução nossa)<sup>10</sup>. Além disto, o comportamento intolerante da mãe não é direcionado apenas em relação aos costumes do país de assentamento, pois ela também os manifesta contra outras famílias japonesas que se demonstram sinais de integração nos Estados Unidos.

Assim, a solidificação completa de identidade é ilustrada na narrativa como uma manifestação negativa. Ichiro expressa sua opinião sobre esta configuração de narrativa identitária, que reforça seu potencial nocivo através do fragmento: “viu que a enfermidade da alma que era japonesa de uma vez e por todas estava começando a destruir sua mente”<sup>11</sup> (OKADA, 1976, p. 104). A situação expõe as consequências da inflexibilidade e intolerância da mãe como destrutivas. Em dimensões afetivas e estruturais, esse comportamento impossibilita de forma imediata sua participação na sociedade. Eventualmente, o exílio gerado não permite que haja um espaço social que possa ser negociado com a personagem, pois quanto mais ela se fixa a sua nacionalidade, sem negociação de costumes no país de assentamento, menos se torna apta a ser um sujeito ativo, capaz de

participar de interações sociais e, posteriormente, estar inserido no país de forma estrutural.

De forma geral, os indicadores a que esta personagem não consegue se integrar estão associados às três esferas: econômica, social e cultural. Os indicadores citados de forma direta são: penetração no mercado, moradia, linguagem, pertencimento e frequência de contato entre as culturas. A primeira manifestação de distanciamento cultural na narrativa, em relação à personagem Sra. Yamada, é ilustrada em:

O japonês falado suavemente que ele não tinha ouvido por tanto tempo soou estranho. Ele iria ouvir uma boa quantidade dele agora que ele estava em casa, por seus pais, como maior parte dos japoneses velhos, falavam praticamente nada de inglês. Por outro lado, as crianças, como Ichiro, quase não falavam japonês. Portanto, eles se comunicavam, os velhos falando japonês ocasionalmente com uma ou duas palavras mal pronunciadas de inglês; e os novos, com exceção de uma simples palavra ou frase de japonês que vinha razoavelmente sem esforço aos lábios, recorrendo quase constantemente à língua que os pais evitavam (OKADA, 1976, p. 7, tradução nossa)<sup>12</sup>

A passagem acima evidencia a quebra de manutenção de costumes culturais entre Issei e Nissei através da língua. Lacroix (2010) pontua que a linguagem é um dos indicadores de integração da esfera cultural e de nível afetivo. Assim, o idioma falado também reflete a diferença estrutural de integração, uma vez que está relacionado ao sentimento de pertencimento e possibilidade de participação social. Ademais, este fator também representa o afastamento interno entre gerações da família. Se afastar da língua inglesa é uma das estratégias de Sra. Yamada de se distanciar da cultura do país de assentamento, assim como uma tentativa de demarcar fronteiras para seus filhos.

A narrativa expõe que a integração em termos de afetividade, de forma geral, é evitada pela parcela Issei, já que evitam contato até mesmo com a utilização da língua inglesa no país de assentamento, como forma de “não deixar de serem japoneses”. Contudo, a fragmentação da comunidade minoritária não se restringe ao choque entre gerações, pois também inclui divergências comportamentais internas da parcela Nissei. A escolha da língua na comunicação é uma forma de evitar o contato direto entre uma cultura e outra. Parte desta distância ocorre pela internalização da identidade nacional de forma binária, sem levar em consideração os aspectos externos do país em que vivem.

Era ela quem estava errada e louca não tendo encontrado em si mesma a capacidade de aceitar o país que repetidamente se recusou a aceitar ela e seus filhos inquestionavelmente, ou eram os outros quem estavam sendo enganados, aqueles, como Kenji, que acreditou e lutou e até deram suas vidas para proteger este país em que eles ainda não poderiam se avaliar como cidadãos de

primeira classe por causa das paredes imperceptíveis? (OKADA, 1976, p. 104, tradução nossa).<sup>13</sup>

A ausência de políticas de integração eficazes amplia a dicotomia entre grupos minoritários e grupos majoritários. A falta de recepção de imigrantes japoneses nos Estados Unidos é lembrada por Oshima (2012), o qual comenta sobre as leis dos estados ocidentais que impediam que imigrantes Issei adquirissem propriedades. Estas leis reforçaram a marginalização deste grupo minoritário em dimensão estrutural, uma vez que não podem acessar indicadores de integração como moradia.

Na obra, a moradia da comunidade Nikkei está relacionada com a visibilidade pública do grupo minoritário e com a penetração no mercado de trabalho. As famílias que refletem menor nível de integração possuem o lar no mesmo local de trabalho, enquanto famílias que não almejam voltar para o Japão se esforçavam para adquirir bens que servem como “símbolo do sonho americano” (OSHIMA, 2012, p. 32). A falta de interesse de Sra. Yamada em dispor de uma casa própria está associada com a intensão de, como japonesa, voltar para sua terra natal, delegando a todo o núcleo familiar uma moradia marginalizada.

A loja que a família possui é gerenciada pela Senhora Yamada e localiza-se em um bairro que é formado, em sua maioria, por asiáticos. A descrição das condições específicas de localização deste bairro são outro critério de destaque relevante para a análise da visibilidade pública que este grupo possui, que determina o espaço que estão condicionados a ocupar no país de assentamento.

Jackson Street começava à beira-mar e se esticava passada as duas estações de trem e até a colina todo caminho para o lago, onde as casas eram maiores e mais claras e tinham garagens com modelos atrasados de carros nelas. [...] Esta era a sessão que costumava parecer bastante com cidade japonesa. Ela era adjacente a Chinatown e a maior parte das apostas e prostituições e bebedeira parecia favorecer a área (OKADA, 1976, p. 4, tradução nossa).<sup>14</sup>

A descrição de Jackson Street, onde moram os Yamada, contrasta as diferenças entre os espaços ocupados pelos que estão mais integrados no país e os menos. A distinção do ambiente que ocupam reflete as condições de sustento destas famílias, a penetração no mercado de trabalho do país e a renda gerada. A localização da moradia e do trabalho, que tem como base o afastamento entre o grupo hegemônico e minoritário, restringe a possibilidade de acumular capital e ascender socialmente. As limitações do espaço físico são comprovadas pela descrição interna da loja que a família vive, que constrói um ambiente pequeno e limitado, com apenas um quarto para as quatro pessoas.

A falta de integração da Sra. Yamada se estende às relações da personagem com outros indivíduos de sua mesma condição minoritária. Quando se encontra em situações de contato com outros Nikkei, não reconhece as dificuldades que são

vivenciadas por seus iguais. Este contato também expõe algumas das situações em que os núcleos familiares precisaram se adaptar no país de assentamento para não se distanciarem dos filhos. Uma destas experiências de contraste está no encontro com a família Kumasaka, que é marcada pela morte do filho que serviu no exército americano.

A mãe estava chorando agora, sem ter vergonha e sozinha em seu luto que não conhecia fim. E em seu luto inesgotável que não fazia distinção do que era errado e o que era certo e quem era japonês e quem não era, não havia consciência da outra mãe com o filho vivo que havia vindo para dizer a ela você está com vergonha e pesar porque você não é japonesa e desse modo matou seu filho mas o meu é grande e forte e cheio de vida porque eu não enfraqueci e não permitia que meu filho destruísse a si mesmo inutilmente e traiçoeiramente (OKADA, 1976, p. 30, tradução nossa).<sup>15</sup>

A passagem contrasta o posicionamento das duas figuras maternas, uma que não faz distinção da nacionalidade do filho e a outra que distingue indivíduos pelo entendimento binário sobre esta identidade. O contraste expõe a barreira criada entre indivíduos de mesma condição minoritária comparando o nível de integração no país de assentamento. A falta de empatia intensifica o atrito, expondo a pressão sofrida pelo grupo perante o olhar de um sujeito que não se desfaz de um orgulho cego pela pátria.

Através da tentativa de imposição do que a Sra. Yamada entende como forma correta de expressão de identidade japonesa, a personagem assume um posicionamento opressor direcionando a um indivíduo que está fragilizado. A incapacidade de diálogo sobre identidade não a permite entender a dor de sua semelhante, resultando na falta de empatia. Este episódio narrativo revela que as barreiras que separam as duas mães são resultantes de uma dicotomização entre quem é japonês e quem é americano, uma visão que reduz o sujeito a apenas uma nacionalidade. Em outras palavras, a Sra. Yamada não é mais capaz de aceitar a outra mãe como japonesa, por pensar que a família em questão traiu o Japão quando o filho foi para a guerra.

As ações da personagem revelam as restrições que são geradas através da limitação de um sujeito a uma identidade única e imutável. A distinção no nível de integração das famílias condiciona o afastamento entre os indivíduos, dificultando a compreensão e negociação destes atores sociais. Enquanto a nacionalidade é interpretada como uma questão de orgulho e a identidade atrelada a ela como uma substância fixa, não há a possibilidade de troca simétrica entre integrantes de grupos hegemônicos e integrantes de grupos minoritários.

A incapacidade de negociação da personagem possui consequências severas, uma vez que não participar de trocas sociais a impede de estar a par de acontecimentos reais. Sra. Yamada, ao pressupor para si apenas uma narrativa de identidade como suficiente e intransigente, não é capaz de se adaptar às mudanças ao seu redor. Quando confrontada com uma realidade que não consegue mais

negar – que o Japão perdeu a guerra – sua infelicidade se torna insuportável, ao ponto de cometer suicídio.

Assim, a nível social, a consolidação da identidade gera a inaptidão para a adaptação do indivíduo e, conseqüentemente, impede sua integração. Os reflexos desta solidificação são vivenciados dentro do núcleo familiar do protagonista e em escalas maiores, que induzem estes sujeitos a continuarem invisíveis aos grupos hegemônicos, consequência de se fecharem cada vez mais em pequenas comunidades e não efetuarem trocas com a sociedade que os cerca.

## **TARO: A FORMAÇÃO DE IDENTIDADE POR ASSIMILAÇÃO E A INTEGRAÇÃO INCOMPLETA**

Taro é o filho mais novo da família Yamada, inicia sua trajetória na narrativa com 17 anos de idade e está prestes a completar 18 anos. Este personagem possui certo nível de consolidação de sua identidade nacional, que é refletido pela escolha de se alistar no exército americano. Assim, Taro se identifica de forma quase integral com a cultura hegemônica do país de assentamento, enquanto busca o maior distanciamento possível dos valores culturais que estão relacionados à sua família e origem étnica.

Seu nível de integração nos Estados Unidos é construído através dos seguintes indicadores: linguagem, pertencimento, frequência de contato entre as culturas, conquista educacional, moradia, fatores relativos à discriminação e à criminalidade. É importante perceber que estes indicadores, que constroem as características de integração do personagem na obra, nem sempre são ilustrados em uma transição positiva, o que seria o ideal para um maior nível de integração.

Assim como seu irmão mais velho, Taro não sente que pertence ao seu núcleo familiar. Esta distância é intensificada pela visão binária do personagem, que revela: “a razão por quê Taro não era um filho e nem um irmão era porque ele era novo e americano e alien para seus pais” (OKADA, 1976, p. 19, tradução nossa)<sup>16</sup>. Contudo, a visão que Taro possui sobre si é de ser exclusivamente americano, diferentemente de sua família, que é vista como japonesa.

A necessidade de se alistar no exército revela a urgência do personagem em afirmar sua identidade, o que causa grande impacto para seus pais e gera a necessidade de sair de casa. Neste momento, o indicador de moradia – apesar de marginalizada – em que este indivíduo estava inserido é transferido de uma condição positiva para uma condição negativa, pois quando Taro decide sair da casa que pertencia à sua família para morar com amigos, deixa de possuir um marcador de estabilidade de enraizamento. A maneira que o personagem deixa a casa também revela informações sobre seu afastamento:

[O] egresso do filho que não era um filho mas sim um estranho e, talvez mais corretamente, um inimigo partindo para se juntar aos seus amigos. Então a sineta tilintou para sinalizar a abertura da

porta e tilintou de novo quando a porta se fechou e os desligou do mundo em que Taro havia entrado (OKADA, 1976, p. 68, tradução nossa).<sup>17</sup>

Dessa forma, ao sair de casa, Taro abandona o que acredita ser um mundo restrito, que é associado à imagem da comunidade Nikkei. A afiliação de Taro com seus amigos, que também tentam se afastar destas restrições, revela a persistência da interpretação extremada e internalizada do período de guerra por estes jovens: que japoneses são inimigos de americanos.

Logo, a internalização das discriminações externas sobre a comunidade Nikkei ilustra a tentativa de afastamento de Taro de parte de sua identidade. Como resultado deste ponto de vista assimilado por jovens Nissei, Endo (2018 p. 420) pontua: “ódio racial dos americanos brancos foi composto por ódio-próprio, que resultou da internalização das visões de supremacia branca sobre suas próprias identidades étnicas e raciais e perpetuou estes pontos de vista dentro da comunidade nipo-americana”<sup>18</sup>. O ódio a que Endo se refere é a internalização da discriminação sofrida e reprodução destas práticas, em uma tentativa se distanciar da parcela minoritária, sem perceber que não é possível deixar de fazer parte deste grupo.

Em outras palavras, Taro não possui consciência de seu próprio pertencimento ao grupo minoritário ao reproduzir as práticas discriminatórias que foram assimiladas. A exemplo disto, Taro comenta sobre a língua falada pelos pais de forma pejorativa, para se distinguir da família através da frase: “Você pode cantar parabéns para mim em japonês” (OKADA, 1976, p. 66, tradução nossa)<sup>19</sup>. Através desta fala, o personagem frisa a utilização de um idioma como uma delimitação de fronteira. Por não se identificar com a cultura japonesa, ele ironiza sobre o que a família acharia adequado, caso ele optasse por ficar em casa. Ademais, o personagem também sinaliza que a manifestação cultural japonesa é entendida como inferior em relação à cultura hegemônica, a qual se identifica.

A utilização de elementos linguísticos para tentar se desvincular da comunidade minoritária demonstra uma interpretação de pertencimento à nacionalidade japonesa estar ligada estritamente à cultura trazida pela comunidade Issei. Apesar de Nissei, Taro apresenta, em sua tentativa de integração, características relativas ao processo de assimilação, que Lacroix (2010) descreve como uma via unilateral, em que os indivíduos devem aprender a língua, os costumes e práticas culturais dominantes, deixando de lado suas características culturais relacionadas ao grupo minoritário. Ademais, esta tentativa de distanciamento de Taro gera uma nova forma de discriminação, que Lacroix (2010, p. 41, tradução nossa), baseado nos estudos sobre racismo de Miles (1989), observa que “a base da discriminação e exclusão é alterada de marcadores físicos para os culturais”.<sup>20</sup>

A assimilação destes costumes e práticas discriminatórias não permite que Taro possua consciência sobre sua própria condição. Stan Yogi comenta sobre a perspectiva polarizada deste período entre as identidades “americana” e “japonesa”, dizendo que “a falha em distinção entre “japonês” e “americano

japonês” criou uma polarização de ideias entre “japonês” e “americano” (...) a aceitação desta [condição] implica que Nisei adote uma definição limitada de “americano” que os exclui por eles não serem descendentes europeus” (YOGI, 1996, p. 65, tradução nossa)<sup>21</sup>. A falta de questionamento leva o personagem apenas a reproduzir práticas discriminatórias e que, ao mesmo tempo, geram arbitrariedades em seu comportamento.

O deslocamento gerado por Taro, ao deixar o colégio para se alistar no exército, é uma tentativa de o personagem formalizar socialmente sua narrativa de nacionalidade. Entretanto esta escolha o faz novamente transitar de forma negativa entre os indicadores de integração. O direito da conquista educacional lhe é garantido por nascença, por isto deixar de estudar é abdicar também de parte de sua americanização. Além disto, esta transição não o isenta de sua condição étnico-cultural e nem de outros aspectos que o impedem de atingir um nível de aceitação completo. Mesmo que Taro se identifique afetivamente com a cultura majoritária ao seu redor, seguir sua perspectiva de afastamento apenas reforça sua carência de pertencimento.

Taro também manifesta contradições em suas ações, as quais são ilustradas em situações de socialização. Em situações mais extremas, o personagem atrai seu irmão para uma armadilha. Durante a agressão sofrida por Ichiro, o jovem Taro não é capaz de participar dos atos violentos com seus amigos e nem mesmo de defender seu irmão. O episódio de violência que Taro permite acontecer mostra a possibilidade de sua participação em índices de criminalidade, que envolvem violência. Contudo, por não conseguir dar continuidade a tais atos, fica evidente que o personagem não é capaz de se desligar completamente de seu laço familiar com o irmão, demarcando que sua conexão com o que considera “a parte japonesa” de si, não é passível de uma eliminação completa.

Em tentativas de pertencer através de um processo de assimilação cultural e sem reflexão sobre suas atitudes, Taro age de forma negativa sobre os indicadores de integração de dimensão estrutural. Em outras palavras, a participação que Taro tenta alcançar é arbitrária e possui consequências negativas, as quais refletem e perpetuam a condição marginalizada de minorias. Logo, a unilateralidade de seu esforço reflete as discriminações da comunidade hegemônica e reforçam a dicotomização entre estes grupos. Além disto, a negação de valores e práticas culturais que estão associadas à comunidade Nikkei desvaloriza seu grupo minoritário e fortalece sua tendência de dissolução.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do desenvolvido nesta pesquisa, pode-se concluir que durante os processos de formação de identidade existem marcadores de integração que possuem influência mais direta e visível nas tentativas de inclusão dos personagens. A língua, atrelada aos valores culturais e afetivos, demarca a identificação cultural dos personagens e também um mecanismo de diferenciação entre eles. Já os marcadores estruturais não dependem de iniciativas únicas dos

personagens para ser acessados, uma vez que estão diretamente relacionados com o contato social e penetração na economia do país.

A narrativa, *corpus* da pesquisa, expõe através de Ichiro o início da fragmentação de sua identidade em função do trauma deste grupo minoritário. Pelo estigma que o personagem carrega, defrontado constantemente por discriminação, não consegue estabelecer um sentimento de pertencimento, outro marcador afetivo necessário para a integração. Desta forma, ele está mais exposto a troca cultural que os outros personagens, uma vez que o ostracismo que sofre dentro da comunidade Nikkei o obriga a buscar outro espaço social.

Os personagens que acreditam pertencer a um grupo nem sempre possuem uma percepção correta sobre seu nível de integração. A exemplo disto, Taro, que acredita estar suficientemente americanizado e detém certo poder de diferenciação dentro da comunidade Nikkei, apenas transita entre marcadores de integração, sem acrescentar mudanças positivas à sua condição perante o grupo hegemônico. Por outro lado, Sra. Yamada opta por se distanciar do grupo majoritário e qualquer forma aceitação e participação social externa por consolidar sua identidade nacional, o que traz consequências negativas relativas à maneira que a personagem se apropria da realidade.

De forma geral, os personagens deste núcleo familiar emulam em seu microcosmo social os conflitos sofridos pela comunidade Nikkei no período em que a obra é ambientada. A relação de Ichiro e Taro ilustra o ostracismo Ichiro e a Mãe mostram a falta de compreensão entre as gerações por seus diferentes níveis de integração – que incluem mudanças de valores culturais e costumes –, enquanto Taro e Sra. Yamada refletem a intensificação da dissolução familiar desta comunidade. Os conflitos deste microcosmo problematizam a visão dicotômica internalizada pelos personagens, assim como destacam a noção errônea de concepção entre nacionalidade e etnicidade, as quais perpetuam práticas discriminatórias.

## Notas

<sup>1</sup> Questão 27 para homens: “Are you willing to serve in the armed forces of the United States, in combat duty, whenever ordered?”. Questão 27 para mulheres: “If the opportunity presents itself and you are found qualified, would you be willing to volunteer for the Army Nurse Corps or the WAAC?”. Questão 28: “Will you swear unqualified allegiances to the United States of America and faithfully defend the United States from any and all attack by foreign or domestic forces and forswear any form of allegiance to the Japanese emperor, or any foreign government, power, or organization?”

<sup>2</sup> “an intruder in a world to which he had no claim” (OKADA, 1976, p. 1).

<sup>3</sup> “the thought of ‘having an identity will not occur to people as long as ‘belonging’ remains their fate, a condition with no alternative” (BAUMAN, 2004, p. 11-12).

<sup>4</sup> “The situation has its genesis in confusion over race and nationality exacerbated by the war. Whereas “American” is an indication of nationality, not ethnicity, the term took on extreme racial overtones during the war. (...) In the world of the novel, “American” equals “White”” (YOGI, 1997, p. 64).

<sup>5</sup> “(...) curving streets which soon branched off into countless narrow walks and drives among countless buildings of Gothic structure which had flying buttress and pointed arches and piers but failed as authentic Gothic because everyone called it bastard Gothic with laughing familiarity as though the building were imperfect children of their own” (OKADA, 1976, p. 54).

<sup>6</sup> “He sat opposite the woman and studied the questions on the form. With some relief, he noted that there was nothing on the front that he couldn’t adequately answer. As he turned it over, he saw the questions he couldn’t answer. How was he to account for the past two years of the five for which they wanted such information as name of employer and work experience? What was he to put down as an alternative for military duty? There was no lie big enough to cover the enormity of his mistake.” (OKADA, 1976, p. 146).

<sup>7</sup> “You who gave life to me and to Taro and tried to make us conform to a mold which never existed”

<sup>8</sup> “(...) acknowledges his Japanese heritage as part of his own past, as part of his identity as an American”

<sup>9</sup> “the woman who was only a rock of hate and fanatic stubbornness and was, therefore, neither woman nor mother”

<sup>10</sup> “she does not fit into the feminine stereotype of a warm, nurturing mother” (OSHIMA, 2012, p. 30).

<sup>11</sup> “[Ichiro] saw that the sickness of the soul that was Japanese once and forever was beginning to destroy her mind”

<sup>12</sup> “The gently spoken Japanese which he had not heard for so long sounded strange. He would hear a great deal of it now that he was home, for his parents, like most of the old Japanese, spoke virtually no English. On the other hand, the children, like Ichiro, spoke almost no Japanese. Thus, they communicated, the old speaking Japanese with an occasional badly mispronounced word or two of English; and the young, with the exception of a simple word or phrase of Japanese which came fairly effortlessly to the lips, resorting almost constantly to the tongue the parents avoided” (OKADA, 1976, p. 7).

<sup>13</sup> Was it she who was wrong and crazy not to have found in herself the capacity to accept a country which repeatedly refused to accept her or her sons unquestioningly, or was it the other who were being deluded, the ones, like Kenji, who believed and fought and even gave their lives to protect this country where they could still not rate as first-class citizens because of the unseen walls? (OKADA, 1976, P, 104).

<sup>14</sup> “Jackson Street started at the waterfront and stretched past the two train depots and up the hill all the way to the lake, where the houses were bigger and cleaner and had garages with late-model cars in them. [...] That was the section which used to be pretty much Japanese town. It was adjacent to Chinatown and most of the gambling and prostitution and drinking seemed to favour the area.” (OKADA, 1976, p. 4).

<sup>15</sup> “The mother was crying now, without shame and alone in her grief that knew no end. And in her bottomless grief that made no distinction as to what was wrong and what was right and who was Japanese and who was not, there was no awareness of the other mother with a living son who had come to say to her you are with shame and grief because you were not Japanese and thereby killed your son but mine is big and strong and full of life because I did not weaken and would not let my son destroy himself uselessly and treacherously.” (OKADA, 1976, p. 30).

<sup>16</sup> “the reason why Taro was not a son and not a brother was because he was young and American and alien to his parents” (OKADA, 1976, p. 19).

<sup>17</sup> “[T]he departure of the son who was not a son but a stranger and, perhaps more rightly an enemy leaving to join his friends. Then the bell tinkled to signal the opening of the door and it tinkled again as the door closed and shut them off from the world that Taro had entered” (OKADA, 1976, p. 68).

<sup>18</sup> “Racial hatred from White Americans was compounded by self-hatred, which resulted from internalizing White-supremacist views about their ethnic and racial identities and perpetuating these views within the Japanese American community” (ENDO, 2018, p. 420).

<sup>19</sup> “You can sing me happy birthday in Japanese” (OKADA, 1976, p. 66).

<sup>20</sup> “the basis of discrimination and exclusion shifted from physical markers to cultural ones” (Miles, 1989, apud LACROIX, 2010, p. 41).

<sup>21</sup> “The failure to distinguish between “Japanese” and “Japanese-American” created polarized ideas of “Japanese” and “American” (...) the acceptance of this choice implies Nisei adopt a narrow definition of “American” that excludes them because they are not European descent” (YOGI, 1996, p. 65).

---

## Referências

---

BAUMAN, Z. *Identity: conversations with Benedetto Vecchi*. Wiley, 2004.

EDENSOR, T. *National Identity, Popular Culture and Everyday Life*. New York: Berg, 2002.

ENDO, R. Reading Civil Disobedience, Disaffection, and Racialized Trauma in John Okada’s *No-No Boy*: Lessons Learned 75 years After Executive Order 9066. *Children’s Literature in Education*, v. 49, n. 4, p. 413-429, August, 2018.

LACROIX, C. *Immigrants, literature and national integration*. London: Palgrave Macmillan, 2010.

MCDONALD, D. R. After Imprisonment: Ichiro’s Search for Redemption in *No-No Boy*. *Melus*, v. 6, n. 3, The Ethnic Perspective, p. 19-26, Autumn, 1979.

MONTE, S. S. A identidade do sujeito na pós-modernidade: algumas reflexões. *Revista Fórum Identidades*, [S.l.], dez. 2013. ISSN 1982-3916. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1906>>. Acesso em: 27 mai. 2019.

OSHIMA, K. A Rebellious Issei Mother and her Angst-ridden Nisei Son in John Okada's *No-No Boy*. *Memoirs of the Faculty of Education, Kumamoto University. The humanities*, v. 61, p. 29-36, October 1, 2012.

YOGI, S. "You had to be one or the other": Oppositions and Reconciliation in John Okada's *No-No Boy*. *Melus*, v. 21, n. 2, Varieties of Ethnic Criticism, p. 63-77, Summer, 1996.

---

### Para citar este artigo

---

FILIPPETTO, Deborah do Carmo. Desenvolvimento da identidade nacional no romance *No-No Boy*, de John Okada. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 2, p. 206-223, maio-ago. 2020.

---

### A autora

---

**Deborah do Carmo Filippetto** é graduanda de Letras Inglês e suas literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria. Integrante do projeto "Literatura e Identidade".